



## Memórias gastronômicas em Vinícius de Moraes

Gastronomic memories in Vinicius de Moraes

Fabiano Dalla Bona<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho aponta os desdobramentos da memória involuntária relacionada à gastronomia em Vinícius de Moraes em analogia com Marcel Proust e Walter Benjamin. Trata-se daquela memória que se apossa do indivíduo arbitrariamente e que permite um processo de reconstrução do passado no presente. O pressuposto da investigação é a de que a memória involuntária anula as distâncias temporais e supostamente cognitivas entre o passado e o presente.

**Palavras-chave:** memória gastronômica, memória involuntária, Vinícius de Moraes, Marcel Proust, Walter Benjamin.

**Abstract:** This work studies the unfoldings of involuntary memory related to gastronomy in Vinícius de Moraes in analogy with it is the memory that is possessed arbitrarily of the individual allowing a process of reconstruction of the past in the present, also defined as involuntary memory. The premise of this investigation is that the involuntary memory overrides the temporal distances, supposedly cognitive, between past and present.

**Key-word:** gastronomic memory, involuntary memory, Vinícius de Moraes, Marcel Proust, Walter Benjamin.

A palavra memória, de origem latina, deriva de *menor* e *oris*, e significa “o que lembra”, ligando-se, assim, ao passado, ao já vivido. Na esfera individual, a memória é a capacidade de um conjunto de funções psíquicas que possibilitam conservar certas informações, “graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1996, p.423).

Na vida cotidiana, as pessoas, muitas vezes, procuram na memória informações específicas; outras vezes ativam memórias do passado. Mas nem todas as recordações são uma escolha. Talvez o exemplo mais famoso de memória involuntária seja a antológica cena descrita pelo francês Marcel Proust nas páginas de *Em busca do tempo perdido*.

Em um dos mais célebres capítulos da literatura do século XX, o sabor e o perfume da *madeleine*, graças à uma envolvente sinestesia, conduzem a memória de Marcel Proust até sua infância. Essa sensação, e a necessidade de transformá-la em escritura, dá origem ao inteiro ciclo de *Em busca do tempo perdido*, um romance onde as páginas

---

<sup>1</sup> Professor Doutor de Língua e Literatura Italiana, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.

ligadas à gastronomia são muito numerosas e intensas. Basta lembrar do papel essencial de Françoise, a cozinheira da tia Léonie, da paixão por sorvete da amada Albertine e daquela de Odette de Crécy por chocolate, ou à extraordinária sinfonia sonora do pregão dos vendedores do mercado de Paris; também merece a nossa lembrança, as detalhadas descrições da recepção na casa de Madame de Villeparisis e do almoço da duquesa de Guermantes (que ocupam cerca da metade das páginas de *A Parte de Guermantes*), ou ainda a recepção da princesa de Guermantes em *O Tempo Reencontrado*.

A *madeleine* proustiana, um pequeno e macio doce em forma de concha, embebida no chá, pode exemplificar a complexidade das relações entre Literatura e Gastronomia e, definitivamente, não é um caso isolado. A alimentação é um elemento deveras importante na experiência cotidiana, e pode ter tamanha força evocativa que é quase impossível encontrar uma obra literária que não tenha alguma relação, mínima que seja, com a comida.

Recentemente, em 2007, a Pixar Films adaptou o episódio da *madeleine* no filme de animação *Ratatouille*, dirigido por Brad Bird, cujo homônimo prato de verduras transporta um cínico crítico gastronômico à mesa da sua casa da infância.

Escreve Proust sobre a *madeleine*:

E de súbito a lembrança me apareceu. Aquele gosto era o do pedaço de madalena que nos domingos de manhã em Combray (pois nos domingos eu não saía antes da hora da missa) minha tia Leônia me oferecia, depois de o ter mergulhado no seu chá da Índia ou de tília, quando ia cumprimentá-la em seu quarto. O simples fato de ver a madalena não havia evocado coisa alguma antes de que a provasse; talvez porque, como depois tinha visto muitas, sem as comer, nas confeitarias, a sua imagem deixara aqueles dias de Combray para se ligar a outros mais recentes; talvez porque, daquelas lembranças abandonadas por tanto tempo fora da memória, nada sobrevivia, tudo se desagregara; as formas – e também a daquela conchinha de pastelaria, tão generosamente sensual sob a sua plissagem severa e devota – se haviam anulado ou então, adormecidas, tenham perdido a força de expansão que lhes permitiria alcançarem a consciência. Mas quando mais nada subsistisse de um passado remoto, após a morte das criaturas e a destruição das coisas – sozinhos, mais frágeis porém mais vivos,

mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis –o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, lembrando, aguardando, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, e suportando sem ceder, em sua gotícula impalpável, o edifício imenso da recordação.

E mal reconheci o gosto do pedaço de madalena molhado em chá que minha tia me dava (embora ainda não soubesse, e tivesse de deixar para muito mais tarde tal averiguação, por que motivo aquela lembrança me tornava tão feliz), eis que a velha casa cinzenta, de fachada para a rua, onde estava o seu quarto, veio aplicar-se, como um cenário de teatro, ao pequeno pavilhão que dava para o jardim e que fora construído para meus pais aos fundos da mesma (esse truncado trecho da casa que era só o que eu recordava até então); e, com a casa, a cidade toda, desde a manhã à noite, por qualquer tempo, a praça para onde me mandavam antes do almoço, as ruas por onde eu passava e as estradas que seguíamos quando fazia bom tempo. E, como nesse divertimento japonês de mergulhar numa bacia de porcelana cheia de água pedacinhos de papel, até então indistintos e que, depois de molhados, se estiram, se delineiam, se colorem, se diferenciam, tornam-se flores, casas, personagens consistentes e reconhecíveis, assim agora todas as flores do nosso jardim e as do parque do Sr. Swann, e as ninfeias do Vivonne, e a boa gente da aldeia e suas pequenas moradias e a igreja e toda Combray e seus arredores, tudo isso que toma forma e solidez saiu, cidade e jardins, da minha taça de chá. (PROUST, 1982, p.31)

Sobre a memória involuntária, pronuncia-se Deleuze:

A Memória involuntária parece, a princípio, basear-se na semelhança entre duas sensações, entre dois momentos. Mas, de modo mais profundo, a semelhança nos remete a uma estrita *identidade*: identidade de uma qualidade comum às duas sensações, ou de uma sensação comum aos dois momentos, o atual e o antigo. Assim acontece com o sabor: dir-se-ia que ele contém um volume de duração que o estende por dois momentos ao mesmo tempo. Mas,

por sua vez, a sensação, a qualidade idêntica, implica a relação com alguma coisa *diferente*. O sabor da *madeleine* aprisionou e envolveu Combray em seu volume. Enquanto permanecemos na percepção consciente, a *madeleine* tem apenas uma relação exterior de contiguidade com Combray; enquanto permanecemos na memória voluntária, Combray se mantém exterior à *madeleine*, como o contexto separável da antiga sensação. A memória involuntária tem, porém, uma característica específica: ela interioriza o contexto, torna o antigo contexto inseparável da sensação presente. (DELEUZE, 2003, p.56)

Vinícius de Moraes, “poeta e diplomata, o branco mais preto do Brasil, na linha direta de Xangô”, como ele mesmo se descreve em *O Samba da Benção*, também descreve suas memórias gastronômicas em diversos momentos da sua obra em prosa e poesia. Na crônica *A letra A: palavra por palavra (II)*, escrita no Rio de Janeiro, eis que surgem-lhe ecos da memória involuntária ligados à infância na casa dos avós, muito semelhantes às memórias de Proust:

Abacate: Fiz certa vez para a minha série de poeminhas infantis, um sexteto sobre essa fruta de que gosto muito e que pertence, segundo me ensina o verbete de mestre Aurélio, à família das Lauráceas - o que não é dizer pouco. O poeminha é como segue, e faz grande sucesso entre crianças de mentalidade cropófila e adultos de mentalidade de criança, como é o caso de meu amigo e compadre Chico Buarque:

A gente pega o abacate  
Bate bem no batedor  
Depois do bate-que-bate  
Que é que parece? - Cocô.  
Ô abacate biruta:  
Tem mais caroço que fruta!

Mas eis que, de repente, surgem-me, no ato de escrever, confusas, dolorosas recordações ligadas a essa palavra. Vejo-me menino, na

casa de meus avós paternos, à rua General Severiano em Botafogo, debruçado à grande mesa da sala de jantar, apreciando meu avô comer com delícia o seu abacate no ritual gastronômico cotidiano. Era toda uma cerimônia, as refeições de meu avô Moraes. Brando déspota baiano, cheio de bossa e filáucia, colocava-se ele à cabeceira, o guardanapo atacado ao pescoço, à moda antiga, e sem dizer abacate atacava os próprios, depois de cortá-los em duas metades, que enchia de açúcar até às bordas. E era de vê-lo traçando-os a colheradas, devagar e sempre, até a última epiderme. Depois, limpava, com um rápido gesto de ida e volta, a boca e o bigode branquinho, suspirava fundo e partia para o seu quarto de leitura, onde ficava o lindo oratório de minha avó. E ali se deixava ele no embalo da velha cadeira de balanço, de espaldar de palhinha, a ler pela milésima vez os folhetins de Michel Zevaco, de que eu era também leitor constante. (MORAES, 2008, p. 858)

A memória, nesse caso, é um mecanismo de transmissão de práticas e de conhecimentos adquiridos pelas imagens do passado (comer abacate com açúcar) e que legitimam o presente. Porém, para que haja uma recordação, é necessária a presença de um sujeito que rememore, e migre, de um tempo para outro, as práticas que configuram a tradição. Aqui a voz do narrador é que faz a conversão dessa passagem, e a escrita sobre o hábito de comer abacate com açúcar agrega valor à representação, pois é possível através desse procedimento escritural, mapear e focalizar aquilo que referencia a memória. O ato de comer torna-se patrimônio cultural que precisa ser transmitido, e que faz seu registro através da escrita literária. Nada de guacamole mexicana ou de salada de abacate: abacate aberto ao meio, rociado com limão e deliciosamente recheado do mais puro açúcar, bem brasileiro. Memórias de infância ligadas ao ato de comer.

Memórias certamente tão intensas que afloram, novamente, em matéria-entrevista concedida pelo poeta ao falar do lançamento de um seu futuro livro, de prosas e memórias, para o ano de 1973:

É incrível o que as palavras mexem com a gente, fazendo ressurgir lá no fundo da memória coisas e pessoas quase esquecidas. A palavra abacate me faz rever meu avô - como se ele estivesse aqui - comendo a fruta com uma colher, gulosamente, com os bigodes

salpicados de verde. Foi também por causa de uma palavra que me lembrei - e me confirmaram - de que aos dois anos de idade subi num banco para espiar, pelo buraco da fechadura, o nascimento da minha irmã. (ALVIM, 1972, p.3)

Walter Benjamin também utilizou algumas imagens da infância para pensar em torno do tema da memória. A simplicidade dos brinquedos, para ele, remete a “uma nostalgia genuína: o desejo de recuperar o contato com o mundo primitivo, com o estilo de uma indústria artesanal” (BENJAMIN, 1994, p.246). E, mais do que isso, as memórias estariam relacionadas à própria história da experiência e de suas modificações: “o adulto alivia o seu coração do medo e goza duplamente sua felicidade quando narra sua experiência. A criança recria essa experiência, começa sempre tudo de novo, desde o início” (BENJAMIN, 1994, p.253). É justamente na intersecção entre a memória e a experiência que encontramos as principais ideias de Benjamin em torno da articulação do passado na vida cotidiana, que pode se transformar em promessa de futuro. Tal como o faz Vinícius ao lembrar-se do abacate do avô, dos tempos perdidos da sua infância. E mais uma vez Deleuze, sempre a propósito de Proust, afirma que “ao contrário, a essência que encarna na lembrança involuntária não nos revela esse tempo original; faz-nos redescobrir um outro tempo – o próprio tempo perdido.” (DELEUZE, 2003, p. 59)

A capacidade de lembrar possibilita a preservação de elementos de ordem afetiva, social e cultural e que são transformados em referência e identidade nas relações sociais de cada um. Portanto, o lembrar preserva as vivências da coletividade, além daquelas individuais; o lembrar preserva, para as novas gerações, a complexa experiência histórica acumulada, e isso coloca um outro desafio: o da imperiosa transmissão desse legado; assim, esta é outra necessidade vinculada à memória seja através dos mecanismos da tradição oral, ou dos materiais escritos.

O episódio do “abacate” prova que o esquecimento é o verdadeiro guardião da memória. Ao contrário do que ocorreu com Proust, o sabor da fruta não trouxe ao narrador nenhuma recordação especial, talvez porque ele a houvesse comido tantas vezes depois daquela ocasião na casa dos avós, mas a sua imagem, ao escrever o poema infanto-juvenil, havia deixado os longínquos dias de sua infância para se ligar àquele mais recente. O sabor, por sua vez, guardado incólume nas brumas do esquecimento, e protegido pela espessura de tantos anos passados, aconchegou-se no fundo mais recôndito da memória, no estranho limiar da lembrança e do olvido, onde a

reminiscência é simultaneamente segredo e degredo, e de lá pôde ressurgir com aquele inefável misto de novidade e antiguidade que é a marca inequívoca da origem.

Também em outro momento de crônica, o “poetinha” recorda em *A Casa Materna*, a articulação do presente e da memória na divisão metafórica da casa, incluindo referências gastronômicas na sua descrição. Tal como Proust, os objetos da casa adquirem vida própria e se tornam os narradores das lembranças da criança:

Na escada há o degrau que estala e anuncia aos ouvidos maternos a presença dos passos filiais. Pois a casa materna se divide em dois mundos: o térreo, onde se processa a vida presente, e o de cima, onde vive a memória. Embaixo há sempre coisas fabulosas na geladeira e no armário da copa: roquefort amassado, ovos frescos, mangas-espadas, untuosas compotas, bolos de chocolate, biscoitos de araruta - pois não há lugar mais propício do que a casa materna para uma boa ceia noturna. E porque é uma casa velha, há sempre uma barata que aparece e é morta com uma repugnância que vem de longe. Em cima ficam os guardados antigos, os livros que lembram a infância, o pequeno oratório em frente ao qual ninguém, a não ser a figura materna sabe por que, queima às vezes uma vela votiva. E a cama onde a figura paterna repousava de sua agitação diurna. Hoje, vazia. (MORAES, 1974, p.535)

Tanto nas *Recherches* como aqui nas lembranças de Vinícius sobre a infância há um percurso comum: não é possível precisar qual é a idade dos personagens. Podemos afirmar que o presente e o passado estão diluídos nos cenários ou nas paisagens descritas. Ao invadir seus narradores por intermédio da experiência sensível, retomada a partir de suas respectivas reminiscências, os cenários narram e concentram as histórias em que Vinícius e Proust são involuntariamente os protagonistas. Uma vez passivos à narração dos ambientes em que viveram a infância e a juventude, o tempo evapora-se para tornar-se um agora. A paisagem elucida as particularidades e o microcosmo em que o Proust e também Vinícius estão inseridos.

Mais uma vez traz-se à tona as recordações de Benjamim, de sua infância berlinense, com uma descrição bastante semelhante àquela do nosso poeta:

Na fresta deixada pela porta entreaberta do armário da despensa, minha mão penetra tal como um amante através da noite. Quando já se sentia ambientada naquela escuridão, ia apalpando o açúcar ou as amêndoas, as passas ou as frutas cristalizadas. E, do mesmo modo que o amante abraça sua amada antes de beijá-la, aquele tatear significava uma entrevista com as guloseimas antes que a boca saboreasse sua doçura. Com que lisonjas entregavam-se à minha mão o mel, os cachos de passas de Corinto e até o arroz! Com que paixão se fazia aquele encontro, uma vez que escapavam à colher! Agradecida e desenfreada, como a garota raptada de sua casa paterna, a compota de morango se entregava mesmo sem o acompanhamento do pãozinho e para ser saboreada ao ar livre, e até a manteiga respondia com ternura à ousadia de um pretendente que avançara até sua alcova de solteira. (BENJAMIN, 1987, p. 87-88)

A infância, que parece tão distante do suposto amadurecimento da vida adulta aproxima-se do presente, do agora, e repentinamente familiariza-se com ele no instante em que um odor, um som ou um sabor manifesta-se no aparato sensorial.

A memória se apossa do narrador tal como Merleau-Ponty em a *Prosa do Mundo* concebe a linguagem, isto é, como um conjunto de signos que nos possui e não nós a ele, de modo que pensamos debruçados e de forma imanente nas próprias palavras sem que haja um ato prévio de nossa consciência para pensar ou dizê-las. Nosso pensamento se manifesta em e com palavras, jamais antes ou depois delas. (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 148-149).

A forma de escrita passa a ser uma espécie de domínio da memória sobre o indivíduo. O certo é que a memória em Vinícius, Proust e Benjamin é sempre a retomada das sensações causadas pela vida social ou da relação com a natureza, daquilo que chama atenção do ser desde os primórdios das descobertas infantis, até as cenas cotidianas da vida adulta, eventos da vida que associam a existência individual com o universo em torno do homem.

Em *Minha terra tem palmeiras*, escrita no Rio de Janeiro, no retorno ao Brasil depois de um período na França, Vinícius, parafraseando Gonçalves Dias no título da crônica, exalta a gastronomia brasileira num reencontro com seus aromas e sabores, emoldurados pela paisagem do Rio de Janeiro, onde mais prazeres encontra cá:

Vejo de minha janela uma nesga do mar verde-azul de Copacabana e me penetra uma infinita doçura. Estou de volta à minha terra... A máquina de escrever conta-me uma antiga história, canta-me uma antiga música no bater de seu teclado. Estou de volta à minha terra, respiro a brisa marinha que me afaga a pele, seu aroma vem da infância. Retomo o diálogo com a minha gente. Uma empregada mulata assoma ao parapeito defronte, o busto vazando do decote, há toalhas coloridas secando sobre o abismo vertical dos apartamentos, dá-me uma vertigem. Que doçura! Sinto borboletas no estômago, deve ter sido o tutu com torresmo de ontem misturado ao camarão à baiana de anteontem misturado à galinha ao molho-pardo de trasanteontem misturada aos quindins, papos-de-anjo, doces de coco do primeiro dia. Digiro o Brasil. Qual *canard au sang*, qual *loup flambe au fenouil*, qual *patê Strasbourgeois*, qual nada! A calda dourada da baba-de-moça infiltra-se entre as papilas, elas desmaiam de prazer, tudo deságua em lentas lavas untuosas num amoroso mar de suco gástrico... (MORAES, 2009, p.96)

Percebemos aqui uma memória gustativa que, dentre outras associações, corresponde a um *habitus*, o qual coloca em evidência aquilo que permaneceu de cada momento vivido, e aquilo que, por algum motivo, sofreu uma alteração. *Habitus* é compreendido por Bourdieu como:

um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas. (BOURDIEU, 1983, p. 65)

Apoiado em certos aspectos da tradição, Vinícius come no presente aquilo que já comera no passado, e isso lhe traz uma sensação de pertencimento e de identidade. Na transmissão da tradição, a construção que o presente faz do passado passa a ser importante, na medida em que "a memória, considerada como sentido plural é a

expressão de um sentimento, e modo de compreender e se relacionar no mundo." (MORAES, 2000, p.95). Fragmentos de memória surgem do ato de narrar e, em suas representações, o escritor reconstrói a memória dos tempos pregressos, confrontando o passado no presente. Assim Vinícius "digere" o Brasil e as suas memórias.

A todas as sensações de gosto e olfato associa-se uma emoção que se conecta à uma reação afetiva de prazer (ou desprazer), que por sua vez liga-se a comidas que consumimos em outros tempos e em outros lugares, que não aquele no qual nos encontramos em determinado momento. A *petite madeleine* de Proust não é um artifício literário apenas, mas um efeito fisiológico que, através do experimentar e cheirar, coloca a nossa memória em movimento, e nos faz reviver as emoções.

Os aromas, cheiros e cores da cozinha materna ou aqueles do país natal, têm um poder evocativo que suscita nostalgia, saudades, quando não encontramos aquele gosto particular. E não há caviar, nem *foie-gras*, nem *canard au sang*, que possa compensar a falta do tutu de feijão, da galinha ao molho pardo ou da doçura dos papos-de-anjo. Não é apenas uma questão de gosto ou de olfato, mas de evocação e de memória.

## **Bibliografia**

ALVIM, Theresa Cesário. O poeta está de volta. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 24 set. 1972, Suplemento literário, p.2.

BENJAMIN, Walter. *Infância berlinense por volta de 1900*. In: **Obras Escolhidas II**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIER, Pierre. **Sociologia**. (org. Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983.

DELEUZE, Giles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

MORAES, Nilson Alves de. **Memória e Mundialização**: algumas considerações. In: LEMOS, Maria Teresa T. Brittes; MORAES, Nilson Alves de (org.). **Memória, Identidade e Representação**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

MORAES, Vinícius de. **Poesia completa e prosa**. (Org. Afrânio Coutinho) Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1974.

\_\_\_\_\_. **Poesia completa e prosa**. (Org. Alexei Bueno) Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2008.

\_\_\_\_\_. **Para uma menina com uma flor.** (Org. Eucanaã Ferraz). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.